

Torre da Murta no Pereiro, Areias



Ficha Técnica

Característica: Arquitectura Militar

Classificação: Defensiva

Localização: Ferreira do Zêzere

Especialista: Dr.^a Ana Torrejais

Morada: Freguesia de Areias, lugar do Pereiro

Referência: c_Areias_01

Património Classificado

IIP Dec.Nº 32973, DG175 de 18 de Agosto de 1943.

Propriedade

Privada

Enquadramento

No lugar do Pereiro, Freguesia de Areias, sobre um morro próximo da EN 110, ergue-se a Torre da Murta, antiga atalaia medieval, bastante arruinada e hoje praticamente inexistente. Para o seu estado de abandono contribui a inexistência de um trilho de acesso ao imóvel, que assim permanece oculto pelos extensos matagais e pelo lixo que se amontoa no sopé da elevação de terreno.

Notícias Históricas

Tentar compreender as origens históricas da Torre da Murta é uma situação deveras complicada, sobretudo quando se encontram por realizar escavações arqueológicas no local que, de certo, ajudariam a perceber melhor o seu passado. Tudo aponta, no entanto, para que a fundação da Torre da Murta remonte ao tempo da Reconquista Cristã, período durante o

qual a Ordem do Templo se destacaria no seu auxílio prestado à Coroa na luta contra os Sarracenos. Por esta razão, quer a rainha D. Teresa, quer depois o seu filho, foram cumulando de benefícios e doações os cavaleiros da dita Ordem. Entre estas avultou, em 1159, a doação de D. Afonso Henriques aos Templários da herdade circundante ao Castelo de Ceras:

“Eu, Afonso por Graça de Deus, Rei dos Portugueses, filho do Conde D. Henrique e da Rainha D. Teresa, neto do Grande Rei D. Afonso (...) Dou e concedo a Deus e aos cavaleiros do Templo aquele castelo que se chama Ceras (...) como parte pelo Rio Zêzere aonde se chama Porto de Caíns e daí vai pelo meio da estrada até ao Mosteiro da Murta, dali pelo Ribeiro da Murta como desce à Freixineta, e dali vem ao Porto de Tomar que é na estrada de Coimbra que vai para Santarém; e daí pelo meio da estrada como vai pelas alturas da Beselga, e daí lomba de contra Santarém, como verte água na Beselga, e como desce ao Tomar, e daí desce ao Zêzere, e daí ao Porto de Caíns.”

Segundo António Baião, situar-se-ia neste território a herdade da Torre da Murta, doada em 1152 por D. Gaião, alcaide de Santarém, à Ordem do Templo. De facto, na sua História do Convento de Cristo, frei Bernardo da Costa refere esta mesma torre quando, em 1159, D. Gualdim Pais, Mestre do Templo, passando pelo castelo de Ceras e desapontado com as ruínas que havia encontrado neste local, outrora imponente fortaleza, apenas descobriu, a uma légua de distância, quatro destruídas paredes, então pertencentes ao castelo do Ladrão Gaião.

Mais tarde, por volta de 1416, Fr. Afonso, vigário de Tomar, terá visitado a Torre da Murta como representante da Ordem de Cristo. Martim Anes, de Formigais, era então quem trazia arrendada esta terra, mas o seu arrendamento fora feito por Rodrigo Anes, de Corte d’Ordem, e sua mulher (depois casada com Nuno Alvares), por vinte e dois moios de pão terçado. Contudo, do ano então presente apenas tinham sido pagos seis quarteiros de cevada, pois o resto estava fechado na torre da qual havia duas chaves, uma em poder de Nuno Alvares e outra em poder do rendeiro Martim Eanes. Por esta razão, frei Afonso requereu a entrega da chave que Martim Eanes possuía. Sendo, a este tempo, administrador e governador da Ordem de Cristo o Infante D. Henrique, este, na sequência do sucedido, resolveu entregar, a 25 de Março de 1450, o prazo da Torre da Murta ao seu guarda-mor – Martim Correia – que assim veio a ser instituído como o primeiro Senhor da Torre da Murta. Após a morte de Martim Correia, na sequência de uma campanha militar em Tânger, D. Leonor, esposa do guarda-mor, terá mandado fazer uma habitação no sítio do Tojal, de onde melhor poderia dominar a sua vasta propriedade, a qual compreendia, em 1504, sete casas e entre essas uma estrebaria, uma câmara térrea com uma chaminé, outra forrada de madeira de castanho e ainda uma casa sobradada servindo de celeiro. Esta propriedade deu, assim, origem à imponente Quinta do Tojal, moradia nobre dos poderosos senhores da Torre da Murta, em cuja posse se manteria até aos finais do século XIX, e de que foi último representante o Visconde João Carlos Infante, 12º Senhor da Torre da Murta.

Descrição Arquitectónica

Pondo de parte o problema da definição do período de fundação deste imóvel, já anteriormente abordado, é altura de realizar a análise material / estilística da Torre da Murta. Esta tratar-se-ia de uma construção de grandes dimensões, pois os dois paramentos, Sul e Nascente, que se aguentaram na verticalidade até aos dias de hoje, deixam ainda perceber a

sua estrutura paralelepípedica. Esta, subdividir-se-ia em três sobrados de paredes robustas, construídas em pedra calcária, num aparelho de alvenaria relativamente homogéneo. Quanto ao cariz militarizante que esta estrutura evidencia, ele é denunciado, quer pela robustez do aparelho construtivo, quer pela única fresta que sobreviveu na parede nascente da construção; porém, no que se refere à existência de ameias e matacões, há muito que estes desapareceram, pois o terceiro patamar da fortificação já quase ruiu por completo. Contudo, é impossível compreender, actualmente, até que ponto esta torre exerceria fins puramente militares ou se, simultaneamente, era utilizada também como habitação.

De facto, no seguimento da tradição muçulmana, as torres-atalaia serviam como locais onde se instalava, durante determinados períodos de tempo, o alcaide, governador militar do território concelhio e, como tal, comandante da hoste local. Ao alcaide cabia também a responsabilidade pelo policiamento local, desempenhando funções judiciais e recebendo, inclusivamente, os dinheiros ou géneros respeitantes ao pagamento de imposto e taxas tributáveis à população local. Por tudo isso, e dada a posição privilegiada que ocupava na comunidade, o alcaide era geralmente encarado com um certo desdém pelos restantes indivíduos, que nele viam um opressor aos seus interesses.

Assim sendo, e correspondendo a Torre da Murta a uma torre-atalaia, esta cumpriria não só funções militares, como nela habitaria, durante certos períodos de tempo, um indivíduo (o alcaide ou um seu subalterno) que, para além de vigiar aquela região, aí se ocupava, igualmente, do recebimento dos pagamentos das taxas e impostos, em moeda ou géneros, dos habitantes locais.

Partindo destas suposições, torna-se agora compreensível todo o conjunto de lendas geradas em torno do lugar, e que encontram a sua máxima expressão numa das próprias designações do imóvel: a Torre do Ladrão Gaião. Segundo uma dessas lendas (que no entanto pode apresentar variantes), Gaião seria um gigante que habitaria nesta torre e que roubava os transeuntes que por ali passavam. Certo dia, porém, um pequeno homenzinho, que transportava consigo uma bolsa de moedas de ouro, vendo-se cercado pelo gigante, esperou que este se inclinasse para o roubar. Ao fazê-lo, o homenzinho apunhalou o ventre de Gaião que, no entanto, ao cair esmagou o seu assassino. Outra lenda, idêntica com a anterior, refere que nesta torre viveria, igualmente, um gigante que, tendo um pé em casa, chegava com o outro ao Pereiro, apanhando deste modo as raparigas, que levava para a torre, onde deixavam a virgindade.

Apesar do carácter fantasioso destas histórias, não se pode desprezar, contudo, que estas encerram quase sempre algum fundo de verdade, nem que seja de uma verdade moral. Contos para assustar crianças? Talvez. Mas o que é certo é que em tempos existiu um Gaião que, gigante ou não, era mal tido pela população local, e cuja personagem se pode aproximar dessa figura tantas vezes malograda que era o alcaide concelhio.

Estado de Conservação

Tal como já foi referido, a Torre da Murta trata-se de uma estrutura bastante arruinada, envolta por extensos matagais, cuja integridade estrutural, bem como o respectivo espaço envolvente, não têm sido respeitados. Por essa razão, é necessário intervir, quanto antes, com

vista à consolidação estrutural do imóvel, assim como apostar na revalorização do seu enquadramento físico.

Bibliografia

ALMEIDA; Dr. José António Ferreira de; Tesouros Artísticos de Portugal; Selecções Reader's Digest; página 100

BAIÃO; António; Vila e Concelho de Ferreira do Zêzere; Imprensa Nacional; Lisboa; 1918; páginas 5 a 7, 86 a 99, 214 e 293 a 295

TORREJAIS; Ana; A Torre da Murta: Contributo para o seu Reenquadramento; Instituto Politécnico de Tomar; Ano Lectivo 2005 – 2006

Anais do Município de Tomar; Anos de 1137 – 1453; Câmara Municipal de Tomar; 1972; pp. 24 a 29

Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais; Base de Dados Informática em www.monumentos.pt